

APRESENTAÇÃO

30 ANOS DA ALAB: DESAFIOS, RUPTURAS E POSSIBILIDADES DE PESQUISA EM LINGUÍSTICA APLICADA

Paula Tatianne Carréra Szundy (UFRJ)

Thayse Guimarães (UFGD)

Editoras Organizadoras

<https://doi.org/10.30612/raido.v14i36.13240>

[...] Vinte anos após a criação do primeiro programa de pós-graduação em LA do país, é formalmente criada a ALAB, em julho de 1990, evidenciando que há um número de pessoas que se reconhecem mutuamente como membros de um mesmo grupo e que há um número de pesquisas que merece reuniões e discussões (CELANI, 1992, p. 16)

[...] Os fatos têm demonstrado que as áreas de investigação consideradas como dignas de financiamento são aquelas de grupos de pesquisadores que estão organizados politicamente. A fundação da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) em julho de 1990 na Universidade Federal de Pernambuco, é certamente um primeiro passo nesta direção (MOITA LOPES, 1996, p. 28).

[...] O fato de muitas(os) linguistas aplicadas(as) ao redor do mundo voltarem suas pesquisas para as vozes do Sul, para os contradiscursos que se colocam como alternativas a discursos hegemônicos, confirma a premissa de Paulo Freire de que a esperança constitui um componente fundamental em qualquer pedagogia e/ou projeto. Só através dessa esperança que nos engaja em outras (inter)ações possíveis é que podemos redesenhar rotas epistemológicas mais éticas para compreender e transformar os usos situados de recursos semióticos no mundo social. Este redesenho é o grande desafio que se impõe a uma linguística implicada em aliviar a dor e o sofrimento. (SZUNDY; TÍLIO; MELO, 2019, p. 16).

Em 26 de junho de 1990, um grupo de linguistas aplicadas(os), reunido na Universidade Federal de Pernambuco por ocasião do encontro do Grupo de Trabalho de Linguística Aplicada da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL)¹, entendeu que era chegado o momento de ampliar a representatividade da Linguística Aplicada (LA) no Brasil através da fundação de uma Associação que congregasse pesquisadoras(es) da área. Nascia então a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), que teve a Universidade de Campinas como sua primeira casa e Marilda Cavalcanti como sua primeira presidenta.

Passadas três décadas, podemos atestar a solidificação e ampliação da relevância político-científica da ALAB, já destacadas por Celani (1992) e Moita Lopes (1996) por ocasião de sua fundação. Vimos crescer a representatividade da nossa Associação e com ela o estabelecimento da LA como área cada vez mais efervescente e implicada politicamente com os usos e abusos de recursos semióticos em esferas sociais diversas.

¹ Disponível em <https://alab.associattec.com.br/historia>. Acesso em 03/11/2020.

Esse crescimento pode ser verificado no número de membros, nas publicações, na participação profícua de suas associadas e associados em políticas públicas e na realização de eventos nacionais como o Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, regionais como o Colóquio Regional de Linguística Aplicada, mundiais como o 17º Congresso Mundial de Linguística Aplicada – a AILA Rio 2017 – e virtuais como as inúmeras mesas, palestras, bate-papos e cursos com que a atual gestão da ALAB tem nos brindado durante a pandemia da Covid-19.

Szundy e Nicolaidés (2013) e Cavalcanti (neste dossiê) nos lembram que a ALAB foi fundada em meio a um profícuo debate em torno da pergunta “O que é Linguística Aplicada?”. Discussões que remontam à década de sua fundação (CELANI, 1992, 1998; Moita Lopes, 1996, 1999; Kleiman, 1998; Signorini, 1998, entre outros) refutam a concepção fundante de LA como aplicação de teorias linguísticas ao ensino de línguas, defendendo que os usos situados que fazemos das línguas(gens) em contextos diversos constituem o foco de investigação da área. Como os usos sociais das línguas(gens) são marcados por significativa heterogeneidade, as(os) linguistas aplicadas(os) também já enfatizavam em textos da década de 90 o caráter transdisciplinar da LA, vislumbrando-a “como uma espécie de interface que avança por zonas fronteiriças” (SIGNORINI, 1998, p. 100). (D)entre fronteiras inter/transdisciplinares opacas, o linguista aplicado/a pode (e deve), conforme propõe Cook (2003), desempenhar um papel central em toda e qualquer situação de uso situado das linguagens.

Mais do que buscar compreender processos de construção de significados em contextos diversos atravessando e/ou borrando fronteiras disciplinares, muitas(os) linguistas aplicadas(os) brasileiras(os), influenciadas(os) especialmente pela coletânea de textos publicados na obra “Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar” (MOITA LOPES et al, 2006), “têm relacionado suas pesquisas a uma visão indisciplinar de Linguística Aplicada, cujo interesse central recai nos fluxos semióticos e identitários no mundo atual” (SZUNDY; FABRÍCIO, 2019, p. 65). Esse deslocamento nos conduz para a citação de Szundy, Tílio e Melo (2019), que também introduz essa apresentação. Para além da representação política destacada por Celani (1992) e Moita Lopes (1996) na década em que a ALAB foi fundada, fazer pesquisas em LA no mundo contemporâneo nos implica em um (re)posicionamento politicamente engajado com “as vozes do Sul”, com contradiscursos “que se colocam como alternativas a discursos hegemônicos” e nos permitem “redesenhar rotas epistemológicas mais éticas para compreender e transformar os usos situados de recursos semióticos no mundo social”.

Esse dossiê especial que celebra os 30 anos da ALAB traz para o debate as paisagens epistemológicas que vem sendo desenhadas por linguistas aplicadas(os) brasileiras(os) em processos de compreensão e transformação de práticas de linguagens situadas e socialmente relevantes. No escopo de múltiplas abordagens teórico-metodológicas abarcadas pela LA contemporânea, o dossiê reúne estudos de natureza inter/trans/indisciplinar voltados para questões relativas a desigualdades sociais, políticas, étnicas, culturais, educacionais em suas dimensões discursivas. Com o intuito de fomentar a reflexão acerca dos desafios, rupturas e possibilidades de pesquisa em LA, o dossiê busca contemplar os problemas e/ou desafios do mundo atual que interessam (ou podem interessar) à Linguística Aplicada; diálogos e/ou perspectivas inter/trans/indiplinares que podem ser

tecidos para lidar com esses desafios; tessituras epistemológicas possíveis e/ou necessárias para compreender e transformar os usos (e abusos) de recursos semióticos na contemporaneidade; papéis que a(o) linguista aplicada(o) deve desempenhar na compreensão e transformação de políticas públicas.

Dentre os problemas e desafios da sociedade brasileira contemporânea com os quais a(o) linguista aplicada(o) têm estabelecido proximidades críticas (MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2019), têm destaque nesse dossiê aqueles enfrentados na e pela esfera educacional. O fato de dezenove dos vinte e dois artigos que integram o dossiê terem como foco questões relacionadas à educação, reforça a percepção de Szundy e Nicolaides (2013) e de Tílio (neste dossiê) de que a área fundadora da LA continua a desempenhar um papel majoritário nas pesquisas realizadas no Brasil e no mundo.² Não obstante o fato de questões relacionadas ao ensino e aprendizagem de línguas(gens) permanecerem predominantes, esse dossiê confirma a premissa de que o enfoque dado a tais questões nada tem haver com a concepção fundadora de LA como aplicação de teorias linguísticas ao ensino de línguas nem com a concepção de professoras(es) como consumidores de produtos (materiais didático, métodos, abordagens, análises contrastivas etc.) gerados por estudos aplicacionistas.

Em *30 anos da ALAB: 30 anos de Linguística Aplicada no Brasil*, Tílio nos mostra como ao longo de três décadas as(os) linguistas aplicados(os) brasileiras(os) têm abandonado o foco no ensino situado de línguas a partir das perspectivas funcionais e/ou comunicativas, que ainda caracterizam considerável parte dos materiais didáticos destinados ao mercado global, em favor de perspectivas ancoradas na pedagogia crítica e/ou nos (multi)letramentos. Tais perspectivas se afastam de propósitos meramente instrumentais e/ou (meta)linguísticos do ensino-aprendizagem de línguas para enfatizar os papéis performativos que os usos (e abusos) de recursos semióticos desempenham em (inter)ações sociais sempre situadas histórica, ideológica e politicamente.

A mudança de foco sinalizada por Tílio se confirma nas reflexões acerca de processos de ensino-aprendizagem de línguas(gens), de formação de professoras(os) e de políticas de ensino e formação com as quais linguistas aplicadas(os) de diferentes regiões do Brasil e filiados a instituições diversas nos presenteiam nesse dossiê. Destacam-se nessas reflexões a mobilização de epistemologias decoloniais para criar inteligibilidades sobre: relações de poder em parcerias universidade-escola – “Ética de pesquisa e relações de poder: reflexões decoloniais e provocações metodológicas em Linguística Aplicada” (MERLO; FONSECA); processos de formação de professores de língua portuguesa – “Fabricando paraquedas coloridos: Linguística Aplicada, decolonialidade e formação de professores”(CADILHE) e de línguas adicionais “Decolonialidade na formação em línguas adicionais: dos desafios na ‘encruzilhada’ ao caminho outro de um ‘mosaico’ para um Linguística Aplicada Rizomática” (BRAHIM; HIBARINO; CERDEIRA).

Em sintonia com os estudos decoloniais, outros artigos buscam nas perspectivas

² Análises realizadas por Archanjo (2011), Szundy e Nicolaides (2013) e Tílio (neste dossiê) acerca dos trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada e no Congresso Mundial da AILA realizado no Rio de Janeiro em 2017 corroboram a percepção de que questões relacionados ao ensino-aprendizagem de línguas, formação de professores e políticas de ensino permanecem majoritárias na LA no Brasil e no mundo.

Indisciplinar/transgressiva de LA ferramentas epistemológicas para desenhar compreensões de processos de ensino-aprendizagem e formação como atos reponsivamente éticos (BAKHTIN, 2010 [1920-24]) e, portanto, engajados com questões socialmente relevantes relacionadas a raça, desigualdades sociais, gênero, xenofobia e outros. Os artigos de Mulico e Lobo – “Ressignificando o ensino de línguas estrangeiras na escola pública a partir da Linguística Aplicada Indisciplinar”, Monteiro – “Professora, você fala/ensina o inglês americano ou britânico?: desestabilizando visões essencialistas sobre a língua inglesa através da elaboração e análise de atividades didáticas sob uma perspectiva glocal” e Oliveira “Representações de professores de língua inglesa por uma perspectiva racializada: o ideal do falante nativo e identidades docentes” sinalizam a busca de rotas epistemológicas comprometidas com a desaprendizagem de ideologias hegemônicas que discursivizam determinados corpos e vidas como inferiores e/ou descartáveis. Igualmente engajados em (re)pensar o ensino de literatura a partir de uma perspectiva INdisciplinar de LA, o artigo de Amorim e Silva – “O ensino de literaturas na Linguística Aplicada brasileira” – faz um mapeamento das pesquisas acerca de ensino de literatura nos últimos dez anos a fim de problematizar em que medida esses estudos transgridem (ou não) visões tradicionais de literatura para propor práticas mais responsivas a contemporaneidade.

Outros caminhos epistemológicos que se mostram potentes para o (re)desenho de processos de ensino-aprendizagem e formação mais responsivos à (des/re)construção de significados na contemporaneidade estabelecem (inter)diálogos profícuos entre a LA e os estudos de letramentos. Tessituras entre letramentos, construção de conhecimento e formação são costuradas sob vieses diversos no dossiê. Em “A inserção dos estudos em cognição na Linguística Aplicada de hoje: questões para uma educação linguística brasileira do/no século XXI”, Vargas estabelece inter-relações entre concepções sócio-cognitivas de línguas(gens) e letramentos para propor uma educação linguística na escola pública que amplie as “possibilidades de vidas dos alunos que estão à margem dos processos de globalização”. O artigo de Vian Júnior e Rojo – Letramento multimodal e ensino de línguas: a linguística aplicada e suas epistemologias na cultura das mídias – enfatizam a relevância da concepção de letramento multimodal para a compreensão dos diálogos que a LA tem estabelecido entre os letramentos e as mídias em contextos de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras diversos bem como dos desafios epistemológicos que esses diálogos impõem à área. Focando em processos de construção de conhecimento de inglês por crianças do primeiro ciclo do ensino fundamental, o artigo de Costa – “Desenvolvendo letramento crítico em aulas de inglês para o ensino fundamental I: o ensino crítico de inglês como língua estrangeira” – recorre à concepção de letramento crítico para (re)pensar o ensino-aprendizagem de inglês para crianças do 5º ano da rede municipal da cidade do Rio de Janeiro. Focando no potencial das redes sociais para a aprendizagem de língua inglesa, o artigo de Muriana – “Pela e na língua inglesa: práticas possíveis para o ensino-aprendizagem de inglês no Facebook” – analisa o processo de construção do conhecimento em um projeto de natureza interdisciplinar intitulado “EmPower LAB”, desenvolvido com adolescentes de uma escola de idiomas em São Paulo.

Entre outros problemas e desafios da sociedade brasileira, destaca-se o papel que a(o) linguista aplicada(o) tem na arena de reflexões – e ações – sobre políticas públicas, políticas de ensino e representação política. Nessa esteira, o texto de Pontes e Siqueira

– “O translíngualismo como política linguística: em defesa do espanhol como língua franca” – discorre sobre o espanhol como língua do mundo, ou seja, como língua franca global. Para tal, partem do contexto estadunidense para propor o translíngualismo como política linguística “que pode deslocar a língua espanhola do lugar que ocupa atualmente no país em questão, passando da condição de entrave para o reconhecimento do ELF, à condição de realidade favorecedora”. Na sequência, em “O linguista aplicado como agente glotopolítico no Amazonas: o ensino de espanhol em São Gabriel da Cachoeira”, Teixeira faz um levantamento histórico sobre ações glotopolíticas relacionadas ao ensino de espanhol no Amazonas nos últimos 30 anos. Por essa via, o autor evidencia a relevância de ações glotopolíticas de linguistas aplicadas(os), juntamente com outros agentes sociais, na construção e manutenção do ensino de espanhol no município de São Gabriel da Cachoeira e, de forma mais ampla, no Amazonas. O artigo de Silva Júnior – “Relações e avanços entre a Linguística Aplicada e o Hispanismo no Brasil” – também reflete sobre a relação entre a área da Linguística Aplicada e dos Estudos hispânicos no Brasil. Com foco em uma pesquisa de natureza bibliográfica e documental, o autor problematiza os distanciamentos e as aproximações entre as áreas e discorre sobre os desafios que existem nessa interlocução já materializada em algumas universidades do Brasil. Por fim, em “Tecnologias: processo de desterritorialização de identidades” – Dias apresenta resultados de uma pesquisa de doutorado que problematizou a maneira como uma coletânea de livros didático de língua inglesa, integrante do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD- 2012), “apropria-se dos discursos sobre as chamadas novas tecnologias para discutir o imbricamento entre as representações sobre tecnologias e sobre o aluno”.

Levando em consideração a amplitude de epistemologias que podem orientar a produção de respostas aos desafios da sociedade brasileira contemporânea, os artigos de Amaral, Silva e Gonçalves sobre “As contribuições da Linguística Aplicada (LA) e da Análise Dialógica do Discurso (ADD) para a leitura do texto como um enunciado concreto” e de Szundy, Martins e Moreirão sobre “A Filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin e a La Indisciplinar: diálogos possíveis” focam nas contribuições da área da Linguística Aplicada para o quadro teórico e metodológico da análise dialógica do discurso e para a filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin. Amaral, Silva e Gonçalves baseiam-se na noção de enunciado concreto para realizar um “exercício dialógico de leitura” de uma *fake news*, e discuti-lo como “alternativa para pensar, no ambiente escolar, problemas sociais associados ao uso concreto da linguagem”. Já Szundy, Martins e Moreirão trazem uma reflexão sobre a potência do diálogo entre perspectivas indisciplinar/transgressiva de Linguística Aplicada e construtos do Círculo de Bakhtin para “o desafio de discursos hegemônicos que (des)legitimam determinadas práticas sociais em detrimento de outras”.

No escopo dos múltiplos desafios, contextos e abordagens epistemológicas da LA contemporânea, este dossiê reúne também trabalhos que abordam a linguagem em (inter)ações em diferentes esferas sociais, como o artigo de Guimarães e Moita Lopes – “Entextualizações criativas de discursos sobre raça em práticas discursivas multisituadas na periferia brasileira”, tradução do texto publicado na *Aila Review* de 2017, que explora o que chamam de “entextualizações criativas de discursos sobre raça” ao discutir os posicionamentos e as performances identitárias de Luan, um garoto negro que se identifica como gay, em circulação entre práticas interacionais no *Twitter* e em

sua sala de aula. O trabalho é guiado pelos pressupostos teóricos da performance e da entextualização e tem como percurso metodológico o que identificamos por “etnografia multissituada” (MARCUS, 1995). Partindo também de uma perspectiva indisciplinar de LA, o artigo de Oliveira, Santos e Oliveira – “Toma que o espelho é seu!: artes cênicas e psico/vida em narrativas pessoais de cor/pas negras” – estabelece um diálogo interdisciplinar entre as Artes Cênicas, os Estudos Étnicos-Raciais e a Linguística Aplicada. A partir de uma abordagem teórica dos estudos de narrativas orais e da análise da narrativa oral de Dandara (nome fictício), mulher negra, o texto explora “o Teatro das Oprimidas e sua potencialidade na proposição de reflexões que engendrem ações antirracistas e de autocuidado para mulheres negras”. Por fim, em “Corpos gordos (in)visibilizados na Linguística Aplicada”, Silvestre, Ramos-Soares e Sabota realizam uma pesquisa bibliográfica no banco de Teses e Dissertações da CAPES, na Coleção de Periódicos da biblioteca eletrônica SciELO e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações para entender como o corpo gordo tem sido problematizado no âmbito da LA brasileira. Finalizam o texto com a defesa da “causa gordoativista em praxiologias no escopo da LA brasileira”.

É com imensa alegria que encerramos esse dossiê comemorativo dos 30 anos da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), com uma entrevista concedida por Marilda do Couto Cavalcanti. Sócia-fundadora e primeira presidenta da ALAB, Cavalcanti presenteia todas(os) as(os) linguistas aplicadas(os) brasileiras(os) com reflexões instigantes acerca dos (inter)diálogos que têm contribuído para (re)desenhar a história da LA nos cenários nacional e internacional, das potencialidades da LA para compreender e transformar os usos (e abusos) das linguagens na contemporaneidade e dos desafios que se colocam para uma área comprometida com rupturas e atravessamentos em um cenário sócio-político de ataques às ciências sociais e humanas.

As paisagens da LA brasileira pintadas nesse dossiê mostram que as linguistas e os linguistas aplicados(as) brasileiras(os) representadas(os) politicamente pela ALAB estão bem equipadas(os) epistemologicamente para enfrentar esses desafios. Agradecemos às autoras e aos autores que contribuíram para o dossiê e convidamos todos para celebrar conosco os 30 anos da nossa Associação. Vida longa à ALAB!

Dourados (MS) e Rio de Janeiro (RJ), 05 de dezembro de 2020.

REFERÊNCIAS

- ARCHANJO, R. Linguística Aplicada: uma identidade construída nos CBLA. Belo Horizonte: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. v. 11, n. 3, 2011, pp. 609-632.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Organização por Augusto Ponzio e Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – CEGE/UFsCar. Trad. por Valdemir Miotello; Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920-24].
- CELANI, M. A. A. Afinal, o que é Linguística Aplicada?. In: ZANOTTO DE PASCHOAL, M. **Linguística Aplicada: Da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar**. Educ, 1992, pp. 15-23.
- CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998/2004, pp. 129-142.
- COOK, G. **Applied Linguistics**. Oxford University Press, 2003.
- KLEIMAN, A. “O estatuto disciplinar da Linguística Aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate”. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998/2004, pp. 51-77.
- MARCUS, G. E. Ethnography in/of the world system. The emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, n. 24, 1995, pp. 95-117.
- MOITA LOPES, L. P. **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.
- MOITA LOPES, L. P. Fotografias da Linguística Aplicada no campo de línguas estrangeiras no Brasil. **Documentos de Estudo em Linguística Teórica e Aplicada (D.E.L.T.A)**, v. 15, n. Especial, 1999, pp. 419-435.
- MOITA LOPES, L. P (Org.). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto a pesquisa em Linguística Aplicada. In SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998/2004, pp. 99-110.
- SZUNDY, P. T. C.; NICOLAIDES, C. . A “ensinagem” de línguas no Brasil sob a perspectiva da Linguística Aplicada: um paralelo com a história da ALAB. In GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIM, M. A.; CARVALHO, A. M. (Org.). **Linguística Aplicada e ensino: língua e literatura**. Campinas: Pontes Editores, 2013, v. 1, pp. 15-46.
- SZUNDY, P. T. C.; FABRICIO, B. F. Linguística Aplicada e indisciplinaridade no Brasil: promovendo diálogos, dissipando brumas e projetando desafios. In SZUNDY, P. T. C.; TÍLIO, R.; MELO, G. C. V.. (Org.). **Inovações e desafios epistemológicos em Linguística Aplicada: perspectivas sul-americanas**. 1ed. Campinas: Pontes Editores, 2019, v. 1, pp. 63-89.
- SZUNDY, P. T. C.; TÍLIO, R.; MELO, G. C. V. Apresentação. In SZUNDY, P. T. C.; TÍLIO, R.; MELO, G. C. V.. (Org.). **Inovações e desafios epistemológicos em Linguística Aplicada: perspectivas sul-americanas**. 1ed. Campinas: Pontes Editores, 2019, v. 1, pp. 7-17.